

XIII. NEGROS EM MINAS GERAIS/ LUGARES DE SOCIABILIDADE: “A IGREJA, A PRAÇA E A RUA”

Mônica Maria Lopes Lage¹

Resumo

Neste artigo procuramos apresentar alguns aspectos do comportamento e do cotidiano dos negros ao frequentarem as igrejas, as ruas e as praças das cidades coloniais mineiras. Procuramos revelar o dia a dia destes homens, a maneira como eles se relacionaram e como conviveram nestes espaços públicos. Procuramos mostrar que o conceito de “resistência” utilizado por alguns historiadores para tratar do comportamento dos negros diante dos conflitos sociais, é minucioso e demanda maior atenção.

Palavras-chave

Negro. Sociabilidade. Resistência.

Abstract

In this paper we present some aspects of behavior and daily life of blacks to attend the churches, streets and plazas of colonial mining towns. We seek to reveal the daily lives of these men, how they lived and how they related in these public spaces. We try to show that the concept of “resistance” used by some historians to treat the behavior of blacks on social conflicts, is painstaking and demand greater attention.

Keywords

Black. Sociability. Resistance.

¹ Mestre em História Social. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Gênero, Sociabilidade, Afetividade e Sexualidade.

Em várias regiões do Brasil e em períodos distintos, a população cativa confrontou-se com uma diversidade de realidades. Das grandes extensões de terras ocupadas pelo café que brotava virgem e fértil, aos extensos canaviais de produção do açúcar, às distantes plantações de algodão a clarear o horizonte, ao milharal com seu perfume suave até às profundezas da terra de onde jorravam diamantes de todas as intensidades, a culminar nas jazidas de ouro e o adentrar no mais íntimo recôndito da vida privada, estes homens e mulheres, vindos de terras distantes, de cultura, costumes e modos diferentes aqui viveram suas histórias e, no fazer-se viver desta história, construíram a história do Brasil colonial.

No final do século XVII, por volta de 1696 aproximadamente, descobre-se o ouro nas Minas Gerais. As mudanças e as consequências desta descoberta ganharam “vulto” e desenvoltura no decorrer do século XVIII, quando surgem os povoados, as vilas e as cidades e, com estas, o desenvolvimento econômico, político e social da região.

A mineração foi a principal atividade econômica em Minas Gerais durante o século XVIII, foi ela quem definiu a ocupação dos espaços e impulsionou o desenvolvimento da agricultura, do artesanato, do comércio e da lavoura. Em todos estes setores da economia utilizou-se a mão-de-obra escrava. No início, tentou-se escravizar o índio, depois cresceu rapidamente o uso de mão-de-obra negra. Os negros vinham da “Guiné”, na África, desembarcavam no porto do Rio de Janeiro e de lá eram encaminhados para as Minas Gerais. A historiografia escravista apontou que o cotidiano dos negros no Brasil colonial foi marcado por uma nítida diferença social. Nas relações senhor-escravo prevalecia uma história marcada pelo poder, controle, violência, castigo, humilhação, normas e disciplina.

Era componente fundamental do *ethos* colonial a percepção da distinção entre senhor e escravo e dos privilégios, prerrogativas, obrigações mútuas e restrições impostas aos membros de cada grupo pela lei e, de forma mais importante, pelos costumes sociais prevalecentes.²

O avanço destas pesquisas revelou outras faces da história dos negros em Minas Gerais, que contribuiu muito para pensarmos as várias formas de “resistências” encontradas por estes homens e mulheres ao chegarem às terras tupiniquins. Terras que no primeiro olhar tornaram-se inóspitas diante de quem acabara de chegar - tudo era distante, incompreensível e intocável.

Segundo Eduardo França Paiva, o termo “resistência” apresenta uma visão simplificada e redutora das relações que se estabeleceram entre senhor e escravo no Brasil colonial. *As relações humanas sempre foram mais ricas, mais delicadas e, ao mesmo tempo, mais complexas e diversas que qualquer categoria teórica que ouse decodificá-las.*³ De acordo com esta linha de raciocínio apresentada pelo autor citado acima, podemos inferir que as “válvulas de escape” como fugas, festas, encontros, tramoias e formas de sociabilidades encontradas pelos negros escravizados, não tinham necessariamente a intenção de resistir, porém de existir.

O fato é que ao chegarem, os negros procuraram encontrar um modo de vida semelhante ao que estavam habituados dentro das possibilidades que lhes foram oferecidas, procuraram adaptar-se, focando o seu cotidiano em outras possibilidades para além da vida dura que lhes foi revelada.

² RUSSEL-Wood, A. J. R – *Escravos e libertos no Brasil colonial*. Tradução de Maria Beatriz Medina. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p 22.

³ PAIVA, Eduardo França. *Escravos e libertos nas Minas Gerais do século XVIII: estratégias de resistência através dos testamentos*. 3ed. – São Paulo: Annablume. Belo Horizonte: PPGH-UFMG, 2009, p 19.

Neste artigo, apresentaremos algumas das alternativas que os escravos buscaram para promover a sua vida social, procuraremos mostrar a contribuição dada pela igreja neste processo, o papel que o comércio exerceu nas relações sociais destes homens, bem como os momentos de descontração vividos através das festividades de rua.

A literatura mineira revela que as igrejas desempenharam um papel importante na organização dos espaços públicos. *Em Minas Gerais, como em outras partes do Reino Português, a igreja desempenhou um papel fundamental na organização fundiária e espacial dos arraiais.*⁴ Era em torno das igrejas que a sociedade se organizava, a partir dela, estabeleciam-se as residências, o comércio, a praça central, as procissões, os cortejos fúnebres e as festas. Foram nas cercanias das igrejas que surgiram os núcleos urbanos, dando densidade populacional aos primeiros arraiais, vilas e cidades brasileiras dos séculos XVIII. E foi diante desse burburinho propiciado pelo ligeiro e contínuo aumento populacional, que homens e mulheres cativos reinventaram seu cotidiano repleto de contradições e ambiguidades.

Os espaços sacros representavam pontos de reuniões, festas, procissões, novenas, encontros sociais, amorosos e muitas vezes também se constituíram como arena de violência, como nos lembra a historiadora Mary Del Priore, “*os espaços sacros constituíam-se também em espaços secularizados: pontos bucólicos de reunião, praças de conagração, palco para explosão da libido e até mesmo arena de violência*”.⁵

⁴ FONSECA, Cláudia Damasceno. “O Espaço Urbano de Mariana: Sua Formação e suas Representações”. In: Termo de Mariana: História e documentação: Imprensa Universitária da UFOP, 1998 p 31.

⁵ DEL PRIORE, Mary, *Deus da Licença ao Diabo: A contravenção nas festas religiosas e igrejas paulistas no século XIX*, In: História da sexualidade no Brasil colonial, Ronaldo Vainfas (org.), Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986. p 89.

Preocupado com o envolvimento dos padres nos “descaminhos do ouro” o Estado proibiu a presença de clérigos em Minas Gerais, sendo assim, foram as irmandades quem arcaram com todos os recursos necessários para ereção, ornamentação e manutenção das igrejas. “*A proliferação de templos religiosos nas Minas Gerais setecentistas se deve às irmandades*”⁶. Segundo Caio Boschi, as irmandades funcionavam como “*agentes de solidariedade grupal, congregando, simultaneamente, anseios comuns frente à religião e perplexidade frente à realidade social*”⁷. As irmandades eram subdividas por classes sociais. Segundo Fritz Teixeira, estudioso das irmandades no ciclo do ouro em Minas, essas instituições se dividiam da seguinte forma:

Os fiéis, seguindo espontaneamente as suas devoções, organizavam-se nas agremiações das suas invocações prediletas (...) Carmo, São Francisco, Nossa Senhora da Conceição, Pilar, Santíssimo Sacramento, Arq. São Miguel, São Pedro dos Clérigos, Santana, Senhor dos Passos etc., eram de brancos. As irmandades de pardos: Nossa Senhora do Amparo, Ordem Terceira de São Francisco de Paula, São José dos Bem-casados, Pardos do Cordão. De pretos, Rosário, São Benedito, Mercês e Santa Efigênia, sendo que o compromisso destes, expressa que eram crioulos, o que indica que eram nacionais.

Essas associações refletiam as divisões da sociedade e as camadas sociais, ricos senhores de escravos, proprietários, homens livres não proprietários de escravos, escravos, e segmentos raciais - brancos mestiços e negros.

As irmandades negras representavam as únicas instituições nas quais o homem de cor poderia exercer dentro da legalidade de certas atividades que pairavam acima da sua condição, onde esquecida a sua situação de escravo, poderia viver como um ser humano.⁸

⁶ BOSCHI, Caio César. *Os Leigos e o Poder* (irmandades leigas e política Colonizadora em Minas Gerais). São Paulo, Editora Ática, 1986. p 177.

⁷ Idem, p 14.

⁸ Idem, p 14.

Para os escravos, a participação nas festas das irmandades era um refrigério para a alma, era um momento para esquecer a escravidão e o cativeiro. Era o momento de reencontrar laços étnicos e tribais, tecer redes de solidariedade, era um momento de identificação enquanto povo, por isso era muito comum a presença de batuques de tradição africana e de danças nestes encontros religiosos. No seio das irmandades os negros desenvolviam seus talentos musicais, artesanais, culinários, além da concepção do trabalho em grupo.

Segundo Caio Boschi, havia entre as irmandades certa disputa com relação à beleza e à riqueza das igrejas, o que contribuiu muito com a exuberância das igrejas mineiras barrocas - *“A força e o vigor dos centros urbanos passavam a ser deferido pela riqueza de suas igrejas, o que resultava num alto espírito de competição”*.⁹

Envolvidos nestas competições é que os negros esqueciam-se das agruras, das lembranças da terra distante, da humilhação da vida diária, e da escravidão. A mente voltava-se para quem ofereceria o melhor e mais belo templo, a melhor e mais bela música, o melhor e mais belo ritual de adoração e, nesta busca, eles saíam atrás de doações, ajudas, petições, improvisações e assim a vida tornava-se um pouco menos triste, um pouco suave.

Além dos momentos de encontros proporcionados pelas costumeiras reuniões das irmandades, outro lugar que muito promoveu a sociabilidade dos negros foi a praça. Ao redor da praça, na maioria das vezes, ficava o comércio e este foi um importante “veículo” para as relações sociais na colônia. As vendas, os pequenos botequins, as bodegas, o comércio ambulante, todos tiveram a praça como o ponto

⁹ Idem p 33

central, como o lugar do encontro e das possibilidades.

Para termos ideia da importância do comércio na vida econômica das Minas durante o século XVIII, vale lembrar que em Vila Rica, atual Ouro Preto, por volta do ano de 1716 havia 190 vendas, um número que cresce para 370 em 1746 e para 697 em 1773. Além das vendas ainda havia farmácias, açougues, sapateiros, alfaiates, barbeiros e ofícios manuais diversos, deste comércio ocupavam-se homens livres, brancos e negros.

Sempre existiu por parte das autoridades uma preocupação constante em relação ao crescente número de vendas nas cidades coloniais. Medidas como leis, estabelecendo horário de funcionamento, tinham como o principal objetivo conter a sociedade e, principalmente, impedir levantes, afinal tais lugares eram pontos de reuniões, de conversas, de bebidas, de tramoia. Por isso muitos destes estabelecimentos eram terminantemente proibidos de funcionarem à noite.

Segundo Luciano Figueiredo¹⁰, a presença feminina sempre foi destacada no exercício do pequeno comércio em vilas e cidades do Brasil colonial como ameaçadora. A este destaque, muito se deve a atuação das “negras de tabuleiro”, a quem era reservado o comércio de doces, bolos, melaço, frutos, hortalças, queijo, leite, etc. A presença destas mulheres negras nas praças e ruas representava ameaça para os bons costumes da sociedade, pois muitas usavam o tabuleiro como desculpa para a prática da prostituição e para o envolvimento no contrabando do ouro.

¹⁰ LUCIANO, Figueiredo. “Mulheres em Minas Gerais.” In. *História das mulheres no Brasil*. (org), Mary Del Priore. Carla Bassanezi (coord. de textos) 9. Ed – São Paulo: Contexto, 2007. p. 146.

O ambiente em torno das vendas lembra o de uma autêntica taverna. Diferentes grupos da comunidade local reuniam-se nas vendas para beber, consumir gêneros pouco comuns, divertir-se e, por que não, brigar. Por ali passavam oficiais, mecânicos, pedreiros, alfaiates, mineradores. Além das funções primordiais deste tipo de comércio seu interior escondia toda sorte de atividades escusas, como o contrabando de pedras de ouro e diamantes furtados por escravos.¹¹

Muitas mulheres negras eram chefes de família e, na luta pela sobrevivência de criar filhos e manter a casa, elas se envolviam com muitas atividades ilícitas. Algumas usavam o tabuleiro como desculpa para tais práticas. Transformavam-se em prostitutas, garotas de recado, levavam e traziam ouro contrabandeado, escondido por entre suas entranhas. O número de mulheres negras que viveram nestas condições nas ruas e praças das vilas coloniais foi extremamente expressivo e a preocupação com a presença delas e a moralidade social era nítida por parte das autoridades.

Aquilo que mais preocupava o secretário do governo, passado o período crítico das tensões dos anos 20, seria a conduta moral em torno das vendas, quando a sua imagem aproximava-se de uma alcova. A pobreza de muitas mulheres fazia a prostituição lhes servir de atividade complementar.¹²

Além do comércio fixo existia o comércio ambulante, realizado por aqueles que percorriam as ruas, oferecendo mercadorias tais como doces, tecidos, balas, especiarias, cestas, chicotes, panelas, trigo, bacalhau, azeite, entre produtos diversos.

Os tropeiros eram homens cercados por tropas de mulas, às vezes entre trinta, quarenta e até cinquenta animais carregados de mercadorias que percorriam uma rota fixa, promovendo o comércio interno na colônia. As mercadorias eram negociadas pelos donos dos

¹¹ Idem, p 146.

¹² Idem, p 150

animais, que seguiam montados, enquanto os tocadores e escravos ou empregados seguiam a pé. Um animal ia à frente carregando um sino no pescoço, guiando os burros de carga. O ponto de parada mais demorado dos tropeiros era a praça, que servia como ponto de reabastecimento tanto para os animais como para os comerciantes. Era hora de beber água, de alimentar-se, de usar o banheiro. E nesta hora é que aconteciam os encontros amorosos, as trocas de olhares, os recadinhos secretos, as armações e as negociações.

Além de ponto de referência para um comércio intenso, na praça também aconteciam as peças teatrais, os desfechos das procissões, as missas ao ar livre, os batuques e as danças. Desta forma, as praças das cidades mineiras coloniais tiveram um papel importante na contribuição para uma maior sociabilidade entre seus moradores, principalmente entre os negros, que além de usufruírem como ponto de trabalho, também a usavam como lazer, diversão e sociabilidade.

Da praça vamos à rua. A rua também sempre teve um papel importante para os negros em Minas Gerais. Laura de Melo e Souza, em seu trabalho “Desclassificados do ouro¹³”, aponta que em Minas Gerais vivia, desde o século XVIII, um grande número de mulheres e homens livres e pobres que perambulavam pelas ruas pedindo esmola, comida, brigando nas vendas ou praticando pequenos furtos... “*Lá vem o sr. Manoel pedir cachaça!*”; “*Guardei um prato de comida pra você!*”; “*Moça, dá um trocado?*”; “*Conheço você, negrinho. Foi você quem me roubou aquele dia!*”; “*Não tenho nada a te oferecer!*”; “*Moço, me dê um prato de comida?*”; “*Hoje a negrinha Chica não passou, separei umas roupas para ela!*”. Imagino que estas frases deveriam ser costumeiras pelas ruas

¹³ SOUZA, Laura de Melo e. *Desclassificados do ouro, a pobreza mineira no século XVIII*. Rio de Janeiro, Graal. 1982.

das Minas setecentista. A luta pela sobrevivência também promovia sociabilidade, pois através dela as pessoas conheciam e se faziam conhecer.

Mas a rua não era lugar apenas de sofrimento. Era neste local que as festas aconteciam, principalmente por ocasião das comemorações religiosas as procissões chegavam a arrastar a população inteira para as ruas. A rua se torna um cenário perfeito para conversas, encontros, jogos, brincadeiras, festas e folias. Além disso, esta representa um espaço de trânsito entre a casa, o comércio, o hospital, a escola, a igreja, a praça e, neste percurso, muitas coisas podiam acontecer: encontravam-se com amigos, com inimigos, com crianças a brincar, com negociantes a passarem. Era a vida acontecendo nas ruas.

Era na rua que as pessoas de poucas posses se encontravam, cantavam moda, dançavam, bebiam, jogavam cartas, conversavam, namoravam. Mas a diversão principal da sociedade mineira estava nas festas religiosas, a grande maioria da população negra se envolvia nestas festas, preparava a decoração, a comida, as roupas usadas nas procissões, ensaiava as músicas cantadas, os passos a serem seguidos, as preces, tudo para apresentar, na rua, a exuberância de um trabalho empenhado. E estas festividades de rua promoviam a sociabilidade, o lazer e a diversão da população.

Segundo Maria Odila Leite, em São Paulo, no século XVIII, as procissões correspondiam a um evento tão importante que envolvia as autoridades locais. Mascaradas, entrudos e malhar o Judas eram festas espontâneas para as quais, a cada ano, era preciso pedir licença às autoridades municipais. Já as congadas e batuques de escravos eram formalmente proibidos e, ao falar das procissões, a autora afirma:

A procissão envolvia minuciosos preparativos: mercadores ricos ofereciam cera, artesão, padeiras, quitandeiras; desfilavam em carros alegóricos e apresentavam danças que eles mesmos preparavam, a festa se repetia em todas as cidades da colônia com o mesmo cerimonial e os mesmos preparativos”.¹⁴

¹⁴ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX*. São

E completa:

Era uma oportunidade para limpar e varrer, caiar e enfeitar a rua. Por todos os lados tentavam-se prevenir desordens, violências e principalmente a irrupção dos lados e pelos flancos, do batuque de escravos, que às vezes interrompiam a solenidade pré-estabelecida.¹⁵

No campo da historiografia perpetua a seguinte discussão: o modo de vida encontrado pelos negros foi resistência ou não? A questão é que entre o modo de vida dos desclassificados e a cultura dominante nas Minas Gerais setecentista existe um vasto universo. O que sabemos é que os negros viveram em terras brasileiras momentos marcados por fortes conflitos, humilhações, desajustes e trabalho forçado, mas ao entenderem que aqui ficariam, trataram de criar meios de sobrevivência e sociabilidades, meios estes que tinham como objetivo tornar a vida mais amena, menos sofrida e, desta forma, se arrastaram trezentos anos de escravidão.

Os que nasceram no Brasil já nasceram imersos na cultura que seus antepassados criaram, portanto não tinham o que resistir, tinham que viver, e na busca por esta vida eles se dividiram entre trabalho, vida religiosa, festas, encontros, trapaças, procissões, prostituição, desordens, casamentos e concubinatos. E para viverem estas situações, a praça, a igreja e a rua foram grandes contribuintes para as relações sociais que se estabeleceram nas Minas Gerais setecentistas.

Recebido em: 19/11/2011

Aceito em: 09/13/2012

Paulo, Editora Brasiliense, 1984, p 72

¹⁵ Idem, p 72.